



411

O ARMÁRIO DA CONTABILIDADE: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA PROFISSIONAL CONTÁBIL

Mestre/MSc. Amanda Pimentel Paes

Centro Universitário La Salle, Lucas do Rio Verde, Mato Grosso, Brazil

Mestre/MSc. Amanda Pimentel Paes

Programa de Pós-Graduação/Course
Mestrado em Ciências Contábeis (FURB)

Resumo/Abstract

Esta pesquisa motiva-se na dificuldade de se romper com o padrão da pesquisa contábil, marcado pelo discurso normatizado socialmente dentro da comunidade acadêmica dominante, no qual prevalece a literatura metodológica positivista para alcançar o status de pesquisa científica. A presente pesquisa é um desdobramento de um estudo maior cujo cerne apresenta-se na discussão da construção de identidades de profissionais contábeis pelo olhar da interseccionalidade. Porém, como ponto de partida para provocações iniciais é descrito, neste primeiro trabalho, o uso da autoetnografia como metodologia de pesquisa visando compreender em profundidade o processo de construção identitária de uma profissional contábil. Para isso, são compartilhadas as memórias e vivências em primeira pessoa, como mulher LGBTQ+, negra, nortista, pesquisadora e professora de contabilidade. Direcionam as análises, bem como, a escrita três subtemas: a formação acadêmica, a pesquisa científica e a profissão contábil. Assim, é possível construir uma noção mais profunda e diferenciada sobre as experiências que motivam a rejeição de papéis culturais tradicionais, tão comuns no ambiente contábil, a invisibilidade e o silenciamento de reflexões críticas do ser contábil.

Modalidade/Type

Artigo Científico / Scientific Paper

Área Temática/Research Area

Diversidade e Inclusão no Contexto Organizacional e Contábil (DICOC) / Diversity and Inclusion in the Organizational and Accounting Context

O ARMÁRIO DA CONTABILIDADE: UMA AUTOETNOGRAFIA SOBRE A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE UMA PROFISSIONAL CONTÁBIL

RESUMO

Esta pesquisa motiva-se na dificuldade de se romper com o padrão da pesquisa contábil, marcado pelo discurso normatizado socialmente dentro da comunidade acadêmica dominante, no qual prevalece a literatura metodológica positivista para alcançar o status de pesquisa científica. A presente pesquisa é um desdobramento de um estudo maior cujo cerne apresenta-se na discussão da construção de identidades de profissionais contábeis pelo olhar da interseccionalidade. Porém, como ponto de partida para provocações iniciais é descrito, neste primeiro trabalho, o uso da autoetnografia como metodologia de pesquisa visando compreender em profundidade o processo de construção identitária de uma profissional contábil. Para isso, são compartilhadas as memórias e vivências em primeira pessoa, como mulher LGBTQ+, negra, nortista, pesquisadora e professora de contabilidade. Direcionam as análises, bem como, a escrita três subtemas: a formação acadêmica, a pesquisa científica e a profissão contábil. Assim, é possível construir uma noção mais profunda e diferenciada sobre as experiências que motivam a rejeição de papéis culturais tradicionais, tão comuns no ambiente contábil, a invisibilidade e o silenciamento de reflexões críticas do ser contábil.

Palavras-chave: Autoetnografia; Identidade; LGBTQ+; Profissional contábil; Pesquisa contábil.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“O que se passa nas decisões dos contadores LGBTQ+ em estar “fora” ou no armário?” (Hammond, 2018, p. 621). Fui provocada por Hammond, à medida que me identifico no mesmo lugar de quem deveria responder a tal pergunta, contudo, não há forma de respondê-la sem antes compreender o cenário contábil em que o contador se encontra. O profissional contábil, de alguma forma, sempre esteve associado a padrões éticos e sociais que permeiam sua identidade profissional e como se apresenta ao ambiente que atua.

Não tão distinta de outras profissões na área de negócios, o ambiente contábil é marcado historicamente por uma concentração de poder instituído por contadores da elite branca, portanto, uma sociedade racial e economicamente homogênea (Annisette, 2003), representada por culturas masculinas, patriarcais e heteronormativas (Haynes, 2017). Nesse contexto, homens de camadas sociais mais baixas, mulheres ou indivíduos que não se encaixam dentro dos estereótipos, sejam bons ou ruins, construídos para o profissional contábil ao longo da profissão encontram dificuldades no ingresso, permanência e ou crescimento dentro do ambiente contábil (Lima, Nova, Sales, & Miranda, 2021).

O estereótipo do contador, mais especificamente, o de contador confiável pode ser muitas vezes representado pela figura séria e conservadora do homem branco, capaz de sustentar sua integridade moral e credibilidade perante a sociedade (Andon, Chong, & Roebuck, 2010). Um indivíduo, então, que opta pela profissão estaria fadado a conformidade desse perfil, à medida que anseia pelo status e privilégios da profissão que depende de sua competência em sustentar e aumentar a fé do público que atende (Carnegie & Napier, 2010).

Dessa forma, o ser contábil e como se apresenta ao ambiente, pode provocar julgamentos e, ainda que possamos nos equivocar neste julgamentos, as aparências são relacionadas a qualidades morais positivas ou negativas (JIMENEZ-JIMENEZ, 2020). De modo geral, o profissional contábil precisaria atender a demanda de informação da sociedade

de forma ética e confiável, enquanto, que a mesma retribui com reconhecimento profissional. Entretanto, tal retorno vai depender das características culturais enaltecidas pela sociedade, seja esta, contábil, acadêmica, científica ou sociedade em geral.

À medida que compreende este cenário, o ser contábil é levado a questionamentos que atravessam o limiar do eu e do profissional. Por mais, que possamos considerar que o ser contábil não se trata de uma identidade fechada, mas de uma função – sorvendo-se na visão de Ambra (2017) sobre a distinção dentre função e o eu – a sua apresentação social ou gênero resulta de uma série de atos performativos que cristalizam sua identidade perante o observador (Butler, 2018).

Considerando que não há teatro sem público (Ambra, 2017), é natural que a decisão do profissional contábil em estar “fora” ou dentro do armário em seu ambiente de trabalho, não dependa exclusivamente do individual, mas do grupo a qual este precisa performar. E, isso começa desde sua formação acadêmica até sua devida prática profissional. Apesar das mudanças corporativas em relação as políticas de promoção a diversidade e ‘oportunidades’ de trabalho para pessoas LGBTQ+, é comum ver profissionais contábeis se esforçando para transparecer formalidade, seriedade e conservadorismo em uma tentativa de serem levados a sério e não ter suas decisões ou delegações profissionais questionadas.

Frente a discussão proposta, poder-se-ia levantar ideia de que tal questão não compete a contabilidade, tampouco seu campo de pesquisa. Todavia, na tentativa de escapar desta armadilha, neste trabalho, me permito apresentar algumas questões que permeiam o campo da rejeição de papéis culturais tradicionais, tão comuns no ambiente contábil, a invisibilidade e o silenciamento de reflexões críticas do ser contábil – que nada mais é do que reflexo de seu ambiente –, a fim de repensar as implicações da profissão em outros termos que permitem o diálogo com outros campos do conhecimento.

2 AUTOETNOGRAFIA COMO INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA NA CONTABILIDADE

Quando associada a identidade do ser contábil com o uso da autoetnografia como lente para compreender sua construção, podemos encontrar, na literatura internacional, focos em metodologia (Haynes, 2006), gênero (Dambrin & Lambert, 2012; Haynes, 2008a; Klinker & Todd, 2007), maternidade (Haynes, 2008b), sexualidade (Haynes, 2013) a fim de trazer implicações da construção da identidade do ser contábil. O que, atualmente, ainda é pouco, considerando o desenvolvimento da pesquisa contábil, para experienciar vivências de indivíduos LGBTQ+ na contabilidade (Hammond, 2018).

Em uma busca pela identidade do ser contábil, no âmbito nacional, a pesquisa fica mais restrita, na qual se encontram pequenos trechos que citam a identidade em segundo plano quando o foco são questões relacionadas a representação social das perspectivas profissionais (Guerra, Shinzaki, Ichikawa, & Sachukd, 2011; Haveroth, Lima, & Cunha, 2020), perfil do profissional contábil e imagem simbólica (Oliveira Reis, Sedyama, Souza Moreira, & Moreira, 2015), identidade percebida por alunos sobre a profissão (Oliveira, Flach, & Mattos, 2018), estereótipos (Fonseca Tonin, Arantes, Colauto, & Juauiha, 2020), valorização e reconhecimento (Souza Manes, Besen, & Martins, 2021), ética empresarial e profissional (Araujo, Joaquim, Souza, & Lisboa Sucupira, 2021), dentre outros estudos com uso predominante da abordagem quantitativa.

Os cenários científicos abordados, espelham a carência do uso do conceito de interseccionalidade na pesquisa contábil – mais forte ainda nacionalmente – e sua relevância para narrativas de opressão que podem estar relacionadas a status social, gênero, raça, sexualidade do ser contábil (Lima et al., 2021). O que por sua vez, aumenta minha motivação por provocar essa discussão neste material teórico e autorreflexivo, por meio de minhas

memórias e vivências, como mulher LGBTQ+, negra, nortista, pesquisadora e professora de contabilidade.

A interseccionalidade é essencial a crítica de movimentos que ignoram tais rótulos sociais e eixos de opressão do indivíduo (Hammond, 2018). Como o conteúdo do trabalho pauta-se em minhas experiências, tendo o pesquisador como objeto do estudo, opta-se pela exploração dos eixos gênero, raça e sexualidade que apesar de distintos, compartilham de elementos comuns como identidades e relações de poder (Haynes, 2013).

Tal proposta e delimitação, permite fugir do olhar estigmatizado de alunos e futuros profissionais, em sua maioria do gênero masculino – geralmente utilizados como objetos de estudo para compreensão das massas –, e fomentar a discussão em profundidade da construção identitária de uma profissional contábil LGBTQ+. O uso do pesquisador como instrumento de pesquisa para o exame das relações e interações como exploração do cenário em que se insere, compõem as nuances da experiência qualitativa (Klinker & Todd, 2007).

Experiência que em vez de estritamente pré-configurada, emerge com a possibilidade de refinamento das questões de pesquisas a medida que o pesquisador percebe o que e para quem perguntar (Creswell, 2010). Como um método qualitativo, adoto a autoetnografia que, na perspectiva de Santos (2017), sendo um gênero da etnografia supõe vigilância na recomposição e exploração da memória. Ademais, a autoetnografia desafia os paradigmas metodológicos do fazer e apresentar a pesquisa científica, propondo nos princípios da autobiografia e etnografia, tratar a pesquisa como ato político e socialmente consciente (Adams & Jones, 2008; Ellis, Adams, & Bochner, 2010).

A essa altura, tais reflexões conduziram-me a proposição do seguinte problema de pesquisa: quais experiências afetaram a construção da minha identidade como profissional da contabilidade e podem, enquanto ato político e socialmente consciente, contribuir para a rejeição de papéis culturais tradicionais no ambiente contábil envoltos na invisibilidade e silenciamento de reflexões críticas do ser contábil? Consequentemente, a autoetnografia se torna adequada, neste trabalho, por possibilitar a escrita retroativa e seletiva de experiências passadas, sem necessariamente, impedir a utilização de textos, imagens e gravações para ajudar na análise (Ellis et al., 2010).

Apesar da abordagem acomodar a subjetividade da emoção e influência do pesquisador, a credibilidade e confiabilidade – termos utilizados para substituir a validade em pesquisas quantitativas – pode ser reafirmada na conferência e exame de minhas experiências. Como apontado por Klinker e Todd (2007), os leitores podem determinar a credibilidade e confiabilidade das experiências a partir da reflexão de seus próprios conhecimentos, intuição, experiências pessoais no ambiente a que esta pesquisa se propõem a discutir.

Para o desenvolvimento desta pesquisa autoetnográfica, as minhas memórias e experiências pessoais foram os principais instrumentos de análise, incluindo meus diários de controle de humor (online) – utilizado durante o curso de mestrado –, materiais escritos no passado, obras cinematográficas assistidas durante minha formação até a atualidade, consideradas importantes para análise, bem como registros fotográficos e e-mails. A consulta de documentos auxiliares atua como múltiplas fontes – como em outras pesquisas – e permite dividir a análise experiencial em três subtemas, compreendidos como relevante para uma construção cronológica da minha identidade.

Portanto, foi relevante levantar o conteúdo a ser analisado e posteriormente organizá-los em: formação acadêmica (graduação); pesquisa científica (mestrado); e profissão contábil (mercado e academia). O que, por sua vez, envolve pelo menos meus últimos nove anos. Por um período de duas a três semanas, revi meu passado e organizei memórias e experiências emocionais que moldaram a construção da minha identidade, o que me levou a mais insights e mais lembranças. Uma certeza, era de que as memórias ainda persistiam, bem como, seus resíduos emocionais que nada mais são do que meu próprio eu no presente. Isto posto, continuo

minha escrita a partir dos temas que emergiram das minhas experiências para, não sei se positiva ou negativamente, mas provoca-los de alguma forma.

3 TEMAS EMERGENTES DE MINHAS PRÓPRIAS EXPERIÊNCIAS

Questões diversas podem emergir de um processo autoetnográfico, contudo, atendo-se ao ambiente contábil, essas questões são apresentadas a partir de três subtemas, nesta seção. Primeiro, na graduação eu migrei de região geográfica provando diferentes sexismos e estigmas regionais. Segundo, embora mais adaptada a região onde finalizei a graduação, ainda não possuía sentimento de pertença ao ambiente contábil ou geográfico, sendo a decisão de ingressar no mestrado uma inflexão. Em terceiro, a identificação com o cargo universitário e autorrealização em meio a discriminação de gênero e sexualidade.

3.1 Formação Acadêmica: se encontrando?

Minha trajetória no curso superior de ciências contábeis teve início aos meus 18 anos, após a conclusão de estudos na escola pública, na região Norte do Brasil. Fui aceita em duas universidades públicas, optando por ingressar na Universidade Federal, no curso noturno. Nessa época meus pais ainda não aceitavam minha sexualidade, portanto, eu não falava sobre o assunto nos espaços que eu ocupava, que incluíam a faculdade e o escritório contábil no qual comecei a fazer estágio na área contábil. Durante um semestre inteiro do curso, não me assumi para os amigos da faculdade ou colegas de trabalho, cenário que somente se alterou pelo fato de dois dos meus amigos (uma mulher e um homem, ambos cisgêneros e heterossexuais) de classe começarem a estagiar no mesmo escritório e setor que eu.

Lembro que minha primeira preocupação foi que trabalhar e estudar com essas pessoas, inevitavelmente, nos tornaria mais próximos. E, assim como, a maioria das pessoas pressupõem a heterossexualidade para os colegas (Hammond, 2018), eu presumia a possibilidade de, na construção de uma relação mais próxima no trabalho, futuros comentários depreciativos a minha sexualidade pudessem emergir. Nesse momento, decidi contar sobre a minha sexualidade para minhas duas únicas amigas de faculdade, já que uma delas seria minha responsabilidade dentro do escritório. Não foi fácil contar, pelo medo de perder suas amizades e respeito em relação ao meu desempenho acadêmico e profissional – que, obviamente, não seriam invalidados pela minha sexualidade, mas não deixavam de ser um temor – que era base da minha realização dentro do curso de ciências contábeis. Pois, como eu me saía bem, podia ensinar meus amigos em reuniões de estudo, o que de alguma forma fazia com que a escolha pelo curso fizesse real sentido para mim.

O fato é que, a minha sexualidade moldava minhas decisões e a forma como eu me apresentava nos ambientes para não ter minha, de certa forma, autoridade, questionada e por esse motivo, decidia estar ‘fora’ do armário apenas no ambiente acadêmico com meu círculo de amigos. Esse comportamento, não só afetava minha performance, como reafirmava o status quo da contabilidade. Afinal, a ideia do espaço contábil como conservador e heteronormativo se mantém na própria ideia de que tudo continua a se enquadrar nas expectativas tradicionais da profissão (McGuigan & Ghio, 2018), dificultando a mudança desse *status quo* no local de trabalho.

Hoje, observo como estar dentro ou ‘fora’ do armário foi capaz de moldar as minhas experiências e, conseqüentemente, minha carreira e identidade profissional, como discutem Hammond (2018) e McGuigan e Ghio (2018). Ao fazer 21 anos, eu estava na metade do curso de graduação e, já estava ‘fora’ do armário para amigos e alguns colegas de trabalho, mas não para as chefes. A minha família, nesta época me dava suporte, também, o que talvez marcasse uma nova forma de levar a vida dentro do contexto que eu já estava acostumada.

Entretanto, eu precisei migrar para região Sul do Brasil, o que por si só já revirou minha visão das questões sociais. Migrar dessa forma, em um país como o Brasil, provoca muitos

questionamentos, principalmente, em relação ao seu futuro e, não foi diferente comigo. Continuei o curso de Ciências Contábeis na nova Universidade e, antes o que não eram questões relevantes passaram a ser, como no caso de gênero e raça que se somaram a sexualidade, destacando aspectos interseccionais de minha vivência e identidade (Crenshaw, 2002). Agora, eu precisava administrar três questões. E você pode se perguntar, mas porque agora? Bom, eu fui criada em uma família estruturada de forma matriarcal, na qual as mulheres possuíam voz e tomavam a frente da família. Quanto, a cor da pele, na região que eu nasci havia muita miscigenação, onde na minha própria família, havia diversos tons de pele.

Claro que eu não era alheia a questão racial, afinal meu irmão caçula que possui tom de pele mais escuro que o meu, sempre sofreu mais com a ignorância e perversidade do espaço escolar. Visto que que, como já apontado por Gonzalez (2020), a sociedade brasileira é atenta às diferenças de cor, existindo diversas designações para a cor da pele, a fim de distinguir os brancos das pessoas negras que, no Brasil, se encontram no ‘degrau’ mais baixo da escala social, econômica e educacional.

A visão de Lélia Gonzalez, não poderia estar mais evidente na região Sul do país, onde o contraste era muito maior e impactante. Acredito que movida, agora mais do que nunca, pelo sentimento de autodefesa e de proteção dos meus, passei a ser mais ativa nos posicionamentos contra qualquer tentativa de subestimar pessoas negras, nortistas, nordestinas e LGBTQ+. Porque como (Adichie, 2014), a pessoa escolhida para liderar será a mais qualificada em termos de inteligência, criatividade e inovação, atributos que não são determinados por gêneros, cor ou espaços geográficos, pois todos os homens e mulheres são sujeitos a tais atributos.

Até o final da minha graduação, aos meus 23 anos, fui impulsionada por um desejo de ocupar os espaços que antes não pensava em ocupar. O que me ajudou sempre e me guiou em momentos de fragilidade por motivos de LGBTfobia, xenofobismo, ou sexismo foi uma memória das palavras de despedida de uma amiga do escritório contábil que eu atuava no Norte do país,

Nunca se esqueça que independentemente de onde você for, a única coisa que ninguém vai poder tirar de você é o seu conhecimento.

E falar de conhecimento, na realidade brasileira, é falar de interseccionalidade, que vem justamente para retirar o véu sobre as diferenças nas oportunidades escassas que confinam minorias na base da hierarquia social (Gonzalez & Hasenbalg, 1982; Cardoso, 2014). Por esse motivo o poder do conhecimento é ainda mais marcante, na minha trajetória. Eu tinha consciência dos meus feitos e do quanto tinha evoluído em relação as minhas questões pessoais e, mais ainda de que eu era boa atuando na contabilidade. Contudo, apesar dos esforços para mudar o ambiente da faculdade levando questões de gênero e raça, principalmente, – pois, LGBTfobia ainda deixava marcas profundas que não me permitiam trazer tais pautas de forma confortável – eu não possuía um sentimento de pertencimento ao ambiente contábil. O que na narrativa semelhante, compartilhada por Lima & Nova (2020), acaba por nos fazer questionar nossos próximos passos na carreira e o receio de não estar no lugar certo.

Essa condição de não pertencimento me levava, a toda oportunidade que eu tinha, aproveitar para lembrar de que a contabilidade era uma ciência social aplicada que devia refletir as questões, econômicas sim, mas as sociais também. Afinal, o que são organizações se não um conjunto de indivíduos sociais? Nesse momento angustiante, foi que um dos meus professores, identificou minha pré-disposição a pesquisa, me indicando para um o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBIT).

Nesse programa desenvolvi meu primeiro projeto de pesquisa na área contábil, sendo apresentada pela primeira vez uma versão mais social da contabilidade. O projeto desenvolvido nos últimos semestres de graduação, entre 2015 e 2016, conforme publicações e registros

fotográficos, abordava os ‘sistemas de gestão para redes de cooperação empresarial vinculado aos conceitos de capacidades absorptivas e criação da inovação’.

Durante a revisão de literatura, me deparei com termos como cultura nacional, cultura organizacional, cooperação, aprendizagem, dentre outros que não possuíam sua essência em rotinas técnicas, tão características da área contábil. Nesse momento eu tive uma epifania, minha atuação na contabilidade não poderia ser estritamente norteada pelas técnicas operacionais das rotinas contábeis. Eu revisitei o que me inspirava no curso, que era os momentos que eu ensinava contabilidade e os que eu podia falar sobre as questões sociais que permeiam as relações dos atores contábeis em disciplinas da área gerencial e de controladoria.

Essa nova visão contábil e o apoio, familiar e de professores, me deu coragem para continuar minha formação acadêmica no mestrado em ciências contábeis. Lembro-me de idealizar estudar mais profundamente cultura no ambiente de organizações e, poder encontrar estudiosos que compartilhassem do mesmo anseio de fortalecer o aspecto social dentro da contabilidade. Claramente, não foi o que ocorreu!

3.2 Pesquisa Científica: doce ilusão...

Considero minha decisão de entrar no mestrado uma inflexão de vida pelo fato de que se eu não tivesse tido contato com a pesquisa científica, não teria revisitado minhas raízes e anseios, tampouco, seguiria a carreira contábil por muito mais tempo. Entrei no curso de mestrado acadêmico em ciências contábeis na mesma instituição que fiz minha graduação – faria de novo? Provavelmente, sim! Mas, não pense que tudo são flores – na qual, eu ansiava por encontrar narrativas sobre práticas culturais e políticas no ambiente contábil. Essa foi a menor das ilusões, pois naturalmente, nossas primeiras disciplinas, que não tinham nada a haver com cultura, são para nos inserir na pesquisa científica ou o que se espera de uma.

A propósito, o que se espera de uma pesquisa contábil ainda é muito restrito como que só fosse permitido permanecer em um loop daquelas que vieram antes pautadas em tradições positivistas e pós-positivistas, normatizados socialmente dentro da comunidade acadêmica como “modelo científico”, sem espaço para inovação (Haveroth et al., 2020). E, apesar de ter consciência disso hoje, naquela época era diferente, porque após o choque inicial, você espera que chegue o seu momento de ‘brilhar’ no caminho que você mais se identifica.

Quem sabe, até ter tempo para se dedicar ao estudo das lacunas que fazem sentido para você dentro de suas experiências, o que nem sempre ocorre. Evidentemente, estar no mestrado é um processo individual, e alguns se encontram antes, se encaixam nos padrões esperados mais facilmente, enquanto, outros continuam resistindo. Eu sou a que resiste. Bom... até certo ponto, pelo menos. Também, me encaixei de algum jeito nos padrões de um pesquisador contábil, fui bem nas disciplinas, seminários, incessantes debates e, até mesmo, em produção científica na disciplina de finanças corporativas. Que confesso, realizei um experimento, ‘puxando’ minha produção para área comportamental – afinal você não achou mesmo que eu faria uma archival? – em que eu conseguia ver maior sentido.

Fiz diversos trabalhos, em diversas disciplinas, em que pelo menos 90% não eram da minha área de afinidade. Todavia, havia a dissertação e, essa eu poderia escolher o tema, sim eu consegui abordar a cultura organizacional e seu papel nas mudanças organizacionais. Mas, como, acredito que, na maioria das dissertações, o processo não foi fácil. Ir a campo envolve muitos imprevistos – e lágrimas – até tudo estar pronto para análise, qualificação e a tão sonhada defesa.

Defendi, porém, sai do mestrado deixando as questões de sexualidade, raça e gênero de lado, pois não havia espaço na pesquisa contábil científica para esses temas – não, mesmo! – afinal a banca sempre vai lhe questionar,

O que tem a ver a contabilidade ou a ciência contábil com as questões individuais de sexualidade, gênero ou raça? Vai fazer alguma diferença para a contabilidade?

Esse cenário não se restringe apenas, as pesquisas brasileiras como, muito necessariamente, compartilha Lehman (2019), o fato é que o conservadorismo da profissão e pesquisa contábil ainda encontra-se nas entranhas da comunidade contábil que dita as normas e diretrizes do que “é contábil”. E, reforçando mais uma vez a necessidade de problematizarmos essa realidade, tomo emprestado o questionamento de Haveroth et al., (2020): “como podem pesquisas que busquem novas associações e avanços na área serem publicadas se a “comunidade científica” não aceita nada fora do “modelo científico” desenvolvido e institucionalizado no meio acadêmico?”.

Lembro que na minha primeira apresentação em congresso, discuti os estereótipos do contador com jargões como o *bean counters* (Baldvinsdottir, Burns, Nørreklit, & Scapens, 2009) e “*colourful accountant*” (Jeacle, 2008), minha orientadora, naquele trabalho, era uma das poucas, se não a única que pensava a pesquisa contábil de forma mais crítica e flexível, em meu programa de mestrado. Isso significava que eu teria maior liberdade para sair um pouco do padrão esperado, utilizando a literatura crítica da contabilidade da forma que ela se apresenta. Assim o fiz em, trazendo trechos como em uma citação a Parker e Warren (2017):

“[...] existe um lado negativo do parceiro de negócio que advém de preocupações quanto a sua independência e integridade”.

Ou citando Richardson, Dellaportas, Perera e Richardson (2015) ao fazer uma releitura de como o contador era retratado cinematograficamente:

“[...] o parceiro de negócio é visto como corrupto”.

Apesar de ter sido uma boa estreia, pessoal minha, em um congresso de contabilidade, basicamente validando minha identidade enquanto pesquisadora, e ter recebidos elogios pela ontologia da pesquisa. A crítica principal da avaliação era em relação ao uso de termo que poderiam deixar o leitor desconfortável – Bom... Acredito que esse era o objetivo a ser alcançado – ao se identificar com algumas das características dos estereótipos explorados. Afinal, como bem apontado por Lehman (2019) suprimir palavras não é uma opção, tampouco, razão de ser da pesquisa.

Ainda sobre o que pode ou não, em uma reunião para definição final de um instrumento de pesquisa, certa vez, fui ironizada por colocar no grupo de caracterização do respondente as opções: feminino; masculino; e prefiro não responder. Afinal, nas palavras do professor,

Eu não quero saber se ele é gay ou não, quero saber do fenômeno que estamos explorando.

Em algum grau, é possível concordar com isso, quando se desconsidera o fato de que o respondente como parte do objeto de pesquisa precisa ser respeitado enquanto ser humano passível de estigmas sociais que podem ferir sua simples existência e ou sobrevivência, como no caso de pessoas LGBTQ+. A falta de sensibilidade a questões sociais era comum o que tornava muitas vezes impossível a argumentação racional. Diante desse cenário, o ativismo LGBTQ+, racial ou de gênero ficou às margens do meu cotidiano, reservado as redes sociais quando sobrava algum tempo.

Pelo final do mestrado, entre 2018 a 2019, o peso do silêncio e a performance de pesquisador ‘dentro da caixa’, ficou mais difícil de conciliar uma vez que estávamos em meio as eleições do, então, atual presidente da república. No qual, claramente, a maioria da sociedade sulista – inclusive os integrantes do meu programa de pós-graduação – eram a favor de suas

ideias e posicionamentos ofensivos e ameaçadores dos direitos das ditas minorias. Me posicionei mais em relação as minhas facetas, no entanto, quando se está dentro de um sistema tão fortemente cego pelo ego do status científicos enraizados em modelos padrões de como se fazer as coisas, é difícil provocar mudanças.

No meio de tudo isso, eu me vi finalizando o mestrado e precisando voltar ao mercado de trabalho, que claro, em se tratando de Brasil, um nível mais alto de diploma não é garantia de emprego. Eu tinha uma profissão respeitável, socialmente, e o caminho natural era enveredar pela docência ou retornar à atuação em ambientes de escritórios de contabilidade, que não possuem menos mérito, todavia, não oferecem mais o mesmo grau de reflexões e liberdade de trânsito entre áreas de conhecimento. Dessa forma, optei pela docência e permanecer, de preferência, na pesquisa científica, dessa vez sem limitações de temas.

3.3 Profissão Contábil: autorrealização ou...

A essa altura, não me vejo fora da academia, portanto, não irei revisitar minhas experiências profissionais antes do ingresso na pesquisa contábil. Assim sendo, minha primeira experiência profissional na docência, foi como tutora na modalidade de Ensino a Distância (EaD) atuando, principalmente, na correção de papers. E, acredito, nesse ponto, poder me dar o crédito de acreditar no potencial dos acadêmicos que eram de todas as regiões possíveis do Brasil. Portanto, os trabalhos vinham com níveis de profundidade distintos cujo eu fazia questão de acompanhar a elaboração ou o desenvolvimento de ideias mais inovadoras – tudo o que eu não podia no mestrado – na área da contabilidade gerencial.

Essa experiência, embora breve, foi primordial para que eu assumisse um cargo de professora na modalidade presencial na região Centro-Oeste do país. Sim, eu migrei mais uma vez, só não esperava me deparar com tantas questões negligenciadas durante minha formação acadêmica no mestrado. Voei do Sul para o Centro-Oeste, alguns dias antes de iniciar o ano letivo de 2020 – ano de isolamento social mais rigoroso em função da pandemia que viria – meu primeiro ano como professora.

Eu poderia dizer aqui que alcancei a autorrealização, uma vez que, realmente entendo que essa é a minha profissão na contabilidade e isso não mudou neste momento que escrevo. Todavia, estamos falando da construção identitária que não se limita apenas ao alcance de um cargo, mas de suas vivências sejam boas ou más. Desde minha chegada fui confrontada com as antigas questões sobre sexualidade. Uma parte minha já esperava, vez que, assumi uma cadeira em uma instituição católica na ‘capital da agroindústria brasileira’.

Era natural que o sexismo, xenofobismo, racismo, e a LGBTfobia, a tanto deixados a margem, retomassem seus lugares no meu cotidiano. Na primeira vez que circulei na cidade, eu estava acompanhada, e presenciei meu primeiro episódio de LGBTfobia. Na ocasião, nós passamos por duas pessoas transgêneros e a postura adotada por minha companhia foi de justificativa. A visão das duas pessoas transgêneros foi vista e performada como surpresa e, quase como uma garantia de que não era comum o ocorrido, em uma tentativa que pareceu querer me tranquilizar.

Tal postura, não podia estar mais equivocada. Uma culpa que não pode ser atribuída a minha companhia, visto que, essa desconhecia minha sexualidade – e você pode se perguntar como é possível se eu havia sido entrevistada para o cargo – que como em diversos casos não foi compartilhada por mim. Acontece que, mesmo após todos esses anos e todos os meus feitos, decidir estar ‘fora’ do armário ainda se apresenta como uma ameaça no ambiente de trabalho. Em minha entrevista de seleção para o cargo de professora, bem como em outras anteriores, me foi questionado o estado civil e, como pessoa LGBTQ+ sempre desperta a menor possibilidade de ameaça, respondi: solteira!

Na ocasião eu estava em um relacionamento com a minha atual parceira, entretanto, no sentido literal de estado civil eu realmente era solteira – uma tangente que se aprende cedo

quando se é LGBTQ+ – e poderia começar em um novo emprego, em uma nova cidade, nova cultura sem barreiras, o que contou bastante para minha seleção. Você pode me perguntar se eu não preferia contar e, confesso, seria o mesmo que me perguntar se eu queria respirar. Se a minha existência profissional não estivesse em nenhum grau relacionada a pessoal, seria tudo mais fácil, acontece que, mesmo entre as pessoas ‘fora’ do armário, pouquíssimas não estão no armário para alguém que lhes seja importante pessoal, institucional ou economicamente (Sedgwick, 2007).

No mesmo dia em que o narrado episódio de LGBTfobia ocorreu, liguei a noite para minha companheira que ainda estava no Sul e, só tinha perspectivas de mudar de cidade após a conclusão de sua graduação, e ‘desabei’ aos prantos. Acredito, que somatizando tudo que envolvia a minha nova realidade, mas sem dúvida, o mais desesperador ainda era a pergunta: “O que a vai ser da gente nessa cidade?”. Meu medo era por mim e por nós, uma vez que, tínhamos planos em conjunto e se a cidade fosse de fato tão sexista e LGBTfóbica quanto se apresentava, eu teria feito por nós uma péssima escolha, perdendo parte da minha vida em um lugar em que eu não poderia ser quem sou.

A possibilidade de iniciar minha carreira como docente promovendo discussões sobre gênero, LGBTQ+, raça dentro outras nuances da relação entre pares no ambiente contábil, haviam ficado muito distantes naquele momento. Não... Naquele momento eu só queria me manter segura no emprego novo, pelo menos até reunir meios de voltar para o Sul, se precisasse. E, mais uma vez a minha sexualidade direcionou minhas decisões, bem como, minha performance profissional.

Nas minhas aulas, sempre mantive a seriedade como recurso para afastar possíveis aproximações que levassem a colegas de trabalho ou alunos a questionarem minha vida pessoal. Tornei-me para o armário mais uma vez e foquei na construção do meu eu professor de contabilidade. Como destacado por Andere e Araujo (2008), para ser professor é necessário domínio de práticas contábeis, mas também, da arte de ensinar. Contudo, nossa área contábil forma bacharéis e não professores, o que demanda pelo aprender a ensinar e orientar com a prática conforme posto por Nova (2014), assumindo para si, por vezes, características de outras pessoas até que se alcance seu próprio jeito. Uma fragilidade da academia durante nossa formação pedagógica atrelada sua formação técnica como já criticado por (Haveroth et al., 2020).

Uma parte de mim já estava suprimida, então, restavam o ser mulher e negra para tomar para si o protagonismo de meus desafios em meio a profissão contábil. De fato, repensando, a raça não foi uma questão tão forte, pois a cidade em que eu me instalei é tida como de imigrantes, portanto, a um grau relevante de miscigenação. Apesar de em alguns momentos de trocas entre acadêmicos e eu, me fora relatado alguns episódios sofridos por eles, em especial os que migram da região Nordeste. Já no que se refere a gênero, posso dizer que tive pequenos momentos de inquietação, em geral, quando em reuniões de grupo, no início da minha carreira fui silenciada por vezes para dar voz a professores homens que inicialmente deveriam dominar o tema do debate.

Estranha a pré-disposição que as pessoas tem de supor que o ser masculino deve possuir domínio sobre tal tema e, portanto, deva conduzir a discussão, ainda que no mesmo ambiente haja profissionais femininas com igual domínio. Na verdade, para nós mulheres, não é estranho, pois a profissão nada mais reflete do que as próprias normas sociais sobre o papel do masculino e do feminino aceito socialmente (Haynes, 2017). O homem é o responsável por prover, portanto, cabe a ele a condução das decisões.

No momento em que escrevo, me encontro no meu segundo ano de docência, após o turbilhão de emoções que, acredito, aturdiu a todos em 2020 e, ainda alcança, muito que são vítimas diretas ou indiretamente da pandemia pelo vírus COVID-19 que tomou proporções

globais. Esse cenário foi tão dinâmico e com tantas informações, sensações, sentimentos e enfrentamentos que é impossível não impactar minha vivência profissional.

Ao mesmo tempo que vivi inseguranças, alcancei autonomia para ditar em algum grau minha vida profissional, evitando ao máximo os papéis culturais tradicionais, esperados de um profissional da área contábil, a invisibilidade de quem sou e o silenciamento de minhas reflexões do ser contábil. Certamente, até o momento obtive certo grau de autorrealização, contudo, o ambiente contábil ainda não é o mais confortável para todos independentemente de seu gênero, raça ou sexualidade o que não me deixa descansar, pois a responsabilidade de criticar os paradigmas é todos e não deve ser ignorada, porque, talvez, você esteja confortável.

3.4 Discussão da Construção da identidade profissional

A partir das experiências compartilhadas até aqui é possível discutir com maior propriedade a construção da minha identidade profissional. A organização das experiências permite análise da construção identitária pela evolução e transição entre ambientes contábeis, o que permite um exame minucioso da coerência dessa identidade (Haynes, 2008b).

Portanto, retomando a visão de (Butler, 2018) de que a identidade cristaliza-se na apresentação social, política, étnica, econômica, gênero, bem como, de outros eixos de relações de poder que resultam de uma série de atos performativos, é possível observar que algumas experiências vividas revelam mais sobre mim do que reconhecia antes desta escrita. Como apontado por Klinker e Todd (2007) a autoetnografia permite reviver sucessos e crescimento, mas, também, fracassos e sentimentos como vergonha.

No meu caso, percebo que crescer em uma família do tipo matriarcal impediu que eu me silencia-se tanto ao sexismo, atuando com muito mais voz em meus espaços independentemente de ser mulher. Obviamente, há situações que pelo constrangimento, é mais difícil se posicionar. Contudo, eu falo de um lugar, atualmente, de professora que me possibilita certa autonomia para decidir como executar minhas funções.

Apesar disso, percebo que quando iniciei no mercado de trabalho contábil, via certo equilíbrio na quantidade de homens e mulheres. No entanto, à medida que fui mudando de espaços e avançando na carreira, essa balança mudou, era muito mais comum ver homens do que mulheres em cargos de chefia ou até mesmo com títulos de mestres e doutores. Eu tive três professoras mulheres na graduação e apenas duas no mestrado, enquanto, professores homens perco a conta. Quadro natural, mas não menos problemático, conforme (Haynes, 2017), quando verificamos que a hierarquia profissional contábil, ainda mantem-se preponderantemente por homens em níveis sênior ocupando o topo, enquanto, mulheres se compõem a base.

Em relação a raça, fui confrontada mais ferozmente quando migrei da região Norte para região Sul do país, o que também fortaleceu meus posicionamentos perante a sociedade. O que não quer dizer que deixei de me preocupar, uma vez que, me percebia com mais frequência orientando meu irmão caçula a como se apresentar. Assim como o apontado por (Gonzalez, 2020) quando trata do medo de afro-brasileiros em sair de casa sem seus documentos, me via repetindo tais orientações. Sim, a questão racial fez parte da minha construção e norteia minha identidade perante a sociedade em geral.

Distinguindo-se do que eu e minha mãe orientávamos ao meu irmão, eu me permitia mais liberdade, por ter a pele um pouco mais clara e, em alguma medida, possuir o desejo de reivindicar o que para outros poderia ser mais difícil. Apesar de não seguir uma religião específica, passei a usar cada vez mais adereços da cultura afro para reafirmar minha presença nos espaços que eu ocupasse. Saber quem eu era, de onde vinha, e o que tinha para oferecer me fortalecia, pois meu conhecimento era meu e, ninguém poderia me tirar.

Sem dúvida, dentre as interseccionalidades, de gênero, raça e sexualidade, aqui exploradas, esta última foi a que mais construiu minha identidade. Ter experimentado e, ainda experimentar LGBTfobia, com mais frequência do que sexismo e racismo, construíram minha

identidade profissional na contabilidade. Como destaca Ghio e McGuigan (2020), é preciso estar atento as evidências de normalização da heteronormatividade na profissão contábil para não contribuir para identidades artificiais da profissão, desconsiderando as individualidades do ser.

Diante do que foi refletido a partir de minhas experiências com sexualidade, me vejo com mais sentimento de fracasso e vergonha por ter me silenciado em diversos momentos. Por ter performado outra identidade que não a minha. É certo que como Butler (2018) muito bem nos apresenta, a identidade não é única, pois possui influências efeitos de instituições, práticas e discursos cujos pontos de origem são múltiplos, construindo categorias de identidade. Dessa forma, vejo minhas categorias de identidade de gênero, étnica e sexual, convergindo para compor atos que performo no exercício da minha profissão, portanto, formando minha identidade profissional. Claro, algumas dessas categorias mais bem trabalhadas internamente do que outras.

Algumas áreas da contabilidade aparentam estar mais focada, principalmente, nas questões de gênero e sexualidade (Voss & Egan, 2020; Lima et al., 2021), todavia, isso não é tão explorado ou discutido no local de trabalho ou mesmo no âmbito da pesquisa, em minhas experiências. Então, quando me volto ao questionamento de (Hammond, 2018): “O que se passa nas decisões dos contadores LGBTQ+ de estar “fora” ou no armário?”, responderia que sempre estamos ponderando a possibilidade de sermos julgados ou mal interpretados o que não nos permite estar “fora” do armário para todos e em qualquer circunstância.

É diferente para nós, mas ainda, quando você soma as interseccionalidades, como no meu caso, mulher, negra e LGBTQ+. A possibilidade de algo dar errado sempre espregueia nossas decisões. Na maior parte do tempo, você sequer valida sua trajetória ou conquistas. Na verdade, estamos constantemente com medo de ter nossas competências invalidadas em função de nossa sexualidade. Já é bem difícil ser mulher, ser negra e LGBTQ+, piora nossas expectativas. E, por mais que você esteja atuando em uma organização que possui em seu estatuto ou código de ética referência ao respeito ao gênero, raça, credo, sexualidade, dentre outras pautas, é preciso praticar mais do que uma simples aceitação e assimilação da pessoa LGBTQ+ (McGuigan & Ghio, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse ponto do trabalho, entendo e percebo que as experiências afetaram a construção da minha identidade como profissional da contabilidade inclui, envolvem as categorias identitária de gênero, raça e sexualidade. Todas podendo, enquanto ato político e socialmente consciente, contribuir para a rejeição de papéis culturais tradicionais no ambiente contábil só pelo fato de eu ocupar esse espaço. Em relação a invisibilidade e o silenciamento de reflexões críticas, depende do quanto você se sente confortável no espaço que ocupa.

Quando em questões de gênero e raça, não me senti invisibilizada ou facilmente silenciadas. No entanto, quanto a sexualidade, falta muito o que trabalhar para estar segura e consciente de mim. Fazendo das palavras de Klinker e Todd (2007) as minhas quando penso no uso da reflexão autoetnográfica: “a motivação para compartilhar nossas histórias pouco teve a ver com autoindulgência ou narcisismo”. Pelo contrário, acredito que minha própria construção identitária, deve partir de uma autorreflexão, não sendo possível compreender a mim mesmo se assim não o fizesse. No entanto, como o proposto pelo método adotado e, sem me isentar das limitações de subjetividade, creio que a articulação de minhas experiências possa ajudar outros profissionais que se identifiquem com uma ou mais categorias de identidade que formam a identidade da profissional que sou a refletir sobre suas lutas e conquistas.

Ambiciosamente, deseja-se provocar maiores discussões relacionados as expectativas para com a profissão contábil, afim de afastá-la cada vez mais de estereótipos simplórios que nos classificam em ‘caixas’. Somos múltiplos, e ainda que não quiséssemos admitir, nossas

experiências pessoais afetam nossa identidade profissional. Este trabalho, enquanto processo reflexivo, explora a construção de minha própria identidade profissional, no sentido de estudante (formação acadêmica), pesquisadora (pesquisa científica) e professora (profissão contábil), três subtemas que influenciaram e foram influenciados pelas expectativas profissionais da contabilidade, relação bidirecional que por si só podem promover novos insights para a pesquisa contábil.

REFERÊNCIAS

- Adams, T. E., & Jones, S. H. (2008). Autoethnography is queer. In *Norman K. Denzin, Yvonna S. Lincoln & Linda T. Smith (Eds.), Handbook of critical and indigenous methodologies* (pp. 373–390). <https://doi.org/10.4135/9781483385686>
- Adichie, C. N. (2014). *Sejamos todos feministas* (1st ed.). Editora Companhia das letras.
- Ambra, P. (2017). Gender and identification. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (35), 43–50.
- Andere, M. A., & Araujo, A. M. P. de. (2008). Aspectos da formação do professor de ensino superior de Ciências Contábeis: uma análise dos programas de pós-graduação. *Revista Contabilidade & Finanças*, 19, 91–102.
- Andon, P., Chong, K. M., & Roebuck, P. (2010). Personality preferences of accounting and non-accounting graduates seeking to enter the accounting profession. *Critical Perspectives on Accounting*, 21(4), 253–265.
- Annisette, M. (2003). The colour of accountancy: examining the salience of race in a professionalisation project. *Accounting, Organizations and Society*, 28(7–8), 639–674.
- Araujo, L. L., Joaquim, T. da S. B., Souza, D. S., & Lisboa Sucupira, C. R. (2021). DA ÉTICA EMPRESARIAL À ÉTICA DO PROFISSIONAL CONTABIL: uma discussão à luz da moral e da ética humana. *Caderno de Graduação-Ciências Humanas e Sociais-UNIT-SERGIPE*, 6(3), 99.
- Baldvinsdottir, G., Burns, J., Nørreklit, H., & Scapens, R. W. (2009). The image of accountants: from bean counters to extreme accountants. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 22(6), 858–882.
- Butler, J. (2018). Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade; Trad. In *Renato Aguiar* (16th ed., Vol. 8). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Cardoso, C. P. (2014). Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. *Revista Estudos Feministas*, 22, 965–986.
- Carnegie, G. D., & Napier, C. J. (2010). Traditional accountants and business professionals: Portraying the accounting profession after Enron. *Accounting, Organizations and Society*, 35(3), 360–376.
- Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, 10, 171–188.
- Creswell, J. W. (2010). Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*.
- Dambrin, C., & Lambert, C. (2012). Who is she and who are we? A reflexive journey in research into the rarity of women in the highest ranks of accountancy. *Critical Perspectives on Accounting*, 23(1), 1–16.
- Ellis, C., Adams, T. E., & Bochner, A. P. (2010). Autoethnography: An Overview. *Forum Qualitative Sozialforschung / Forum: Qualitative Social Research*, 12(1 SE-Single Contributions). <https://doi.org/10.17169/fqs-12.1.1589>
- Fonseca Tonin, J. M., Arantes, V. A., Colauto, R. D., & Juaniha, A. M. (2020). The Accountant: estereótipos do contador e os efeitos na autoimagem de estudantes e profissionais contábeis. *Revista Catarinense Da Ciência Contábil*, 19.
- Ghio, A., & McGuigan, N. (2020). An Exploration of Queer Spaces and Worldviews in the Accounting Profession. *AAA 2020 Virtual Annual Meeting and Conference on Teaching*

- and Learning.*
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: Ensaios, intervenções e diálogos* (1st ed.; (org.), F. Rios, & M. Lima, Eds.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Gonzalez, L., & Hasenbalg, C. (1982). *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero Limitada.
- Guerra, G. C. M., Shinzaki, K., Ichikawa, E. Y., & Sachukd, M. I. (2011). A representação social da profissão de contador na perspectiva dos profissionais da contabilidade. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 5(12), 157–171.
- Hammond, T. (2018). LGBTQ+ accountants: a call for oral history research. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*.
- Haveroth, J., Lima, J. P. R., & Cunha, P. R. (2020). ‘Quando Imagens Falam Mais do Que Palavras’: Análise sobre Representação Social e Diversidade na Auditoria. São Paulo: XX USP International Conference in Accounting “Accounting as a Governance mechanism.”
- Haynes, K. (2006). Linking narrative and identity construction: using autobiography in accounting research. *Critical Perspectives on Accounting*, 17(4), 399–418.
- Haynes, K. (2008a). (Re) figuring accounting and maternal bodies: The gendered embodiment of accounting professionals. *Accounting, Organizations and Society*, 33(4–5), 328–348.
- Haynes, K. (2008b). Transforming identities: Accounting professionals and the transition to motherhood. *Critical Perspectives on Accounting*, 19(5), 620–642.
- Haynes, K. (2013). Sexuality and sexual symbolism as processes of gendered identity formation: An autoethnography of an accounting firm. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*.
- Haynes, K. (2017). Accounting as gendering and gendered: A review of 25 years of critical accounting research on gender. *Critical Perspectives on Accounting*, 43, 110–124.
- Jeacle, I. (2008). Beyond the boring grey: The construction of the colourful accountant. *Critical Perspectives on Accounting*, 19(8), 1296–1320.
- JIMENEZ-JIMENEZ, M. L. (2020). *Lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos*. 2020.
- Klinker, J. F., & Todd, R. H. (2007). Two Autoethnographies: A Search for Understanding of Gender and Age. *Qualitative Report*, 12(2), 166–183.
- Lehman, C. R. (2019). Reflecting on now more than ever: Feminism in accounting. *Critical Perspectives on Accounting*, 65, 102080.
- Lima, J. P. R., & Nova, S. P. de C. C. (2020). The skin I am in”: reflections from non mainstream researchers in Accounting. *VII Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho-EnGPR 2020*.
- Lima, J. P. R., Nova, S. P. de C. C., Sales, R. G., & Miranda, S. C. D. (2021). (In) Equality regimes in auditing: are we allowed to bring our true selves to work? *Revista Catarinense Da Ciência Contábil*, 20, e3147–e3147.
- McGuigan, N., & Ghio, A. (2018). Queering accounting: opening up and connecting professional services firms. *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*.
- Nova, S. P. de C. C. (2014). *Contabilidade das mulheres na universidade brasileira: lucros e perdas, ingresso e permanência*. Universidade de São Paulo.
- Oliveira, E. B., Flach, L., & Mattos, L. K. (2018). Identidade sobre a profissão: um estudo sobre a percepção de alunos de graduação. *Observatorio de La Economía Latinoamericana*, (septiembre).
- Oliveira Reis, A., Sediya, G. A. S., Souza Moreira, V., & Moreira, C. C. (2015). Perfil do profissional contábil: habilidades, competências e imagem simbólica. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 12(25), 95–116.
- Paes, A. P., & Silva, M. Z. da. (2019). Perfil do Profissional Contábil: Inteligência

- Emocional, Estilos de Tomada de Decisão e Propensão a Riscos. *XIII Congresso Anpcont*. Retrieved from http://anpcont.org.br/pdf/2019_CCG386.pdf
- Parker, L. D., & Warren, S. (2017). The presentation of the self and professional identity: countering the accountant's stereotype. *Accounting, Auditing & Accountability Journal*, 30(8), 1895–1924.
- Richardson, P., Dellaportas, S., Perera, L., & Richardson, B. (2015). Towards a conceptual framework on the categorization of stereotypical perceptions in accounting. *Journal of Accounting Literature*, 35, 28–46.
- Santos, S. M. A. (2017). O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. *Plural*, 24(1), 214–241.
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, 19–54.
- Souza Manes, E., Besen, S., & Martins, Z. B. (2021). VALORIZAÇÃO E RECONHECIMENTO DO PROFISSIONAL CONTÁBIL: UMA PERCEPÇÃO DE ALUNOS DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS DE UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA DE SANTA CATARINA. *SINERGIA-Revista Do Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis*, 25(2), 33–45.
- Voss, B., & Egan, M. (2020). The ephemeral promise of happiness: Coming out in the accounting profession in the late 2010. *EAA Virtual Annual Congress: European Accounting Association*.